

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO E BIBLIOTECONOMIA
COMUNICAÇÃO SOCIAL - JORNALISMO

HUGO FARIA
LARISSA BITTAR
NATHÁLIA LIMA

**RELATÓRIO DE PRODUÇÃO DO ESPECIAL RADIOFÔNICO
“NO TOM DA BOSSA”**

Goiânia
2008

HUGO FARIA
LARISSA BITTAR
NATHÁLIA LIMA

**RELATÓRIO DE PRODUÇÃO DO ESPECIAL RADIOFÔNICO
“NO TOM DA BOSSA”**

Trabalho apresentado à Coordenação do Curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo da Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia da Universidade Federal de Goiás, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Área de concentração: Produção radiofônica

Orientador: Professor Edson Spenthof

Goiânia
2008

À nossa família e amigos, responsáveis pelo estímulo e força que viabilizam a transformação dos ideais em realidade. A eles nossa gratidão, por permitirem que nossos sonhos sejam mais que um desejo distante.

AGRADECIMENTOS

Ao professor Edson Spenthof que nos deu as diretrizes para a realização deste projeto, nos fornecendo elementos teóricos e orientação prática para consolidação do nosso trabalho. À professora Ana Carolina Rocha Temer, que compartilhou conosco seu conhecimento e que, por meio da forma envolvente e esclarecedora que nos transmitiu os fundamentos da comunicação, nos fez querer ir além do convencionalmente traçado por um estudante de jornalismo.

Aos nossos entrevistados que, com profunda gentileza e generosidade, atenderam aos nossos pedidos e emprestaram ao especial “No Tom da Bossa” um pouco da experiência que fizeram deles figuras centrais do universo da Bossa Nova.

Aos nossos amigos que tornam as responsabilidades diárias menos desgastantes e permitem que nossa jornada seja mais leve e prazerosa.

Aos familiares por segurar em nossas mãos nos trechos mais tortuosos do caminho e por nos terem dado estrutura para seguirmos sozinhos em alguns momentos. A eles nossa gratidão por fazerem do nosso olhar algo que extrapola as evidências, por serem nossa maior e mais valiosa referência de dignidade e, acima de tudo, por sempre disponibilizarem um espaço de aconchego e segurança, impedindo que nos tornemos reféns de nossos medos e fraquezas.

RESUMO

Pretende-se, por meio deste texto relatar o processo de produção do Projeto Experimental *No Tom da Bossa* bem como evidenciar a importância do tema para contribuição na formação cultural da sociedade. O especial *No Tom da Bossa* faz um panorama da história do gênero no Brasil e no mundo e especifica detalhes deste movimento que marcou a história musical do Brasil. Dividido em cinco programas, cada um com 30 minutos, o especial, será veiculado na Rádio Universitária de Goiânia. Completando cinco décadas neste ano, a Bossa teve profunda participação na construção de uma identidade musical brasileira no exterior. O projeto experimental *No Tom da Bossa* pretende deixar um registro radiofônico sobre a história da Bossa Nova e os marcos do estilo no Brasil e no mundo, além de permitir que um trabalho social, acessível e veiculado gratuitamente, enriqueça o leque cultural do ouvinte.

Palavras-chave: Bossa Nova. Música. Rádio.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
A HISTÓRIA DA BOSSA	9
HISTÓRICO DO RÁDIO NO BRASIL.....	11
O RÁDIO E O PROJETO EXPERIMENTAL NO TOM DA BOSSA.....	14
CONCLUSÃO.....	15
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	16

INTRODUÇÃO

A Bossa Nova completa, em 2008, 50 anos. Em suas bodas de ouro, a Bossa continua atual e viva nos corações de brasileiros e estrangeiros que se renderam ao embalo do ritmo eternizado por músicos do Brasil e do mundo. Quando falamos em Bossa Nova, três nomes são rapidamente lembrados: João Gilberto, o criador da batida de violão que mudou ritmos; Vinicius de Moraes, o letrista; e Tom Jobim, o músico mais gravado e quem melhor encarnou o jeito “bossa” de ser. Em torno dos três giravam artistas talentosos como Carlos Lyra, Roberto Menescal, Ronaldo Bôscoli, Baden Powell, Nara Leão, Sylvia Telles, Luiz Eça, Luiz Bonfá, Sérgio Ricardo, Zimbo Trio, dentre tantos outros. Com um panorama do ritmo, de seus principais nomes, curiosidades e canções, contaremos a história da Bossa Nova, inserida nos contextos social e cultural brasileiros.

A Bossa Nova é um movimento musical que, de certa forma, exclui a percussão tradicional brasileira e incorpora a bateria do jazz estadunidense. Com seu estilo peculiar, a Bossa ajudou a lançar o Brasil ao mundo. As inovações trazidas pela Bossa Nova fizeram parte de grandes mudanças que aconteceram no país. A Bossa trouxe elementos novos para a música brasileira. Muitos de seus aspectos romperam fortemente com o que já havia sido feito até então, introduzindo novos padrões estéticos tanto na música quanto na poesia. O momento histórico que o país vivia foi propício para o aparecimento da Bossa.

O governo Juscelino Kubistchek tinha o objetivo de modernizar o país. As modernizações pela música e pela política se casaram tão bem que Juscelino convidou Tom Jobim para escrever uma sinfonia para marcar a construção de Brasília. No início, a Bossa era um produto segmentado, música típica da classe média. Com o tempo começou a estabelecer novos padrões e se transformar em uma música popular. Com o desenvolvimento e as mudanças pelas quais a Brasil passava, a Bossa se tornou sinônimo de modernidade e o termo virou até ferramenta de marketing, surgindo novos produtos de consumo.

A importância da Bossa Nova para o Brasil está relacionada ao que veio depois na música brasileira, reinterpretando as concepções tradicionais e, ao mesmo tempo, impondo uma renovação da música brasileira. A Bossa foi fonte para outro importante movimento musical brasileiro: o Tropicalismo, que causou ruptura e “sacudiu” a música popular e a cultura brasileira em 1967 e 1968. Com destaque para Caetano Veloso e Gilberto Gil, o movimento teve referências na Bossa Nova e em seus elementos. Seguindo a melhor das

tradições dos grandes compositores da Bossa Nova e incorporando novas informações e referências de seu tempo, o Tropicalismo renovou radicalmente a letra de música. Letristas e poetas, Torquato Neto e Capinam compuseram com Gilberto Gil e Caetano Veloso trabalhos cuja complexidade e qualidade foram marcantes para diferentes gerações. Os diálogos com obras literárias como as de Oswald de Andrade ou dos poetas concretistas elevaram algumas composições tropicalistas ao status de poesia. Suas canções compunham um quadro crítico e complexo do país. Uma conjunção do Brasil arcaico e suas tradições e do Brasil moderno e sua cultura de massa.

Os 50 anos da Bossa representam data significativa, que justifica a produção de um programa que resgate e registre sua história. Escolhemos o suporte rádio para contar a história da Bossa Nova, porque Bossa é mais som do que imagem é mais sonora do que textual. O rádio, após décadas de criação, ainda é o meio que mais atinge a população brasileira.

HISTÓRIA DA BOSSA

A palavra bossa apareceu pela primeira vez na década de 1930, em Coisas Nossas, samba do popular cantor Noel Rosa: O samba, a prontidão e outras bossas são nossas coisas (...). A expressão bossa nova passou a ser utilizada também na década seguinte para aqueles sambas de breque, baseado no talento de improvisar paradas súbitas durante a música para encaixar falas. Mas o movimento Bossa Nova nasceu oficialmente em 1958, com o lançamento de um compacto simples do violonista baiano João Gilberto, contendo as canções Chega de Saudade (Tom Jobim e Vinicius de Moraes) e Bim Bom, de João Gilberto. Meses antes, João participara de Canção do Amor Demais, um álbum lançado em maio daquele mesmo ano e exclusivamente dedicado às canções da dupla Tom e Vinicius, interpretado pela cantora fluminense Elizeth Cardoso. De acordo com o escritor Ruy Castro em seu livro Chega de saudade, de 1990, este LP não foi um sucesso imediato ao ser lançado, mas o disco pode ser considerado um dos marcos da Bossa Nova, não só por ter trazido algumas das mais clássicas composições do gênero, entre as quais Luciana, Estrada Branca, Outra Vez e Chega de Saudade, como também pela célebre batida do violão de João Gilberto.

Em 1959, era lançado o primeiro LP de João Gilberto, Chega de saudade, contendo a faixa-título - canção com cerca de 100 regravações feitas por artistas brasileiros e estrangeiros. A partir dali, a Bossa Nova era uma realidade. No dia 20 de maio de 1960, dois fatos marcaram a consolidação da Bossa Nova. O show realizado na Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal do Rio de Janeiro e, outro show, realizado na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. No evento da Universidade Federal do Rio de Janeiro, estiverem presentes Ronaldo Bôscoli, João Gilberto, Nara Leão, Sérgio Ricardo, Johnny Alf e Pedrinho Mattar.

Dois anos mais tarde, um show comandado por João Gilberto no Carnegie Hall, em Nova York, nos Estados Unidos, representou a explosão do ritmo brasileiro para o mundo. Começaram a surgir novos intérpretes, que inauguraram um estilo isento de impostação e virtuosismo, com destaque para as cantoras Sylvia Teles, Nara Leão e Alaíde Costa e os conjuntos Quarteto em Cy, Sexteto Bossa Rio, Tamba Trio e Zimbo Trio. Em 1964, o espetáculo Opinião, que fazia forte crítica à repressão imposta pela ditadura militar, foi um divisor de águas entre a chamada “música de apartamento”, centrada no amor, e a música engajada, de protesto.

Pouco depois, a Bossa Nova começou a perder espaço, e passou a ser ocupada por novas tendências como o Tropicalismo e a Jovem Guarda, mas os marcos deixados pelo estilo estavam registrados. A Bossa havia revalorizado a música brasileira. Na década de 1990, a Bossa ressurgiu com vigor. O número de vendas cresceu exponencialmente e houve um resgate do estilo. O gênero que revolucionou a música no Brasil voltou a ocupar papel de destaque, até hoje sustentado.

HISTÓRICO DO RÁDIO NO BRASIL

O surgimento da primeira emissora de rádio no Brasil se credita oficialmente à Rádio Sociedade do Rio de Janeiro em 1923. Mas a Rádio Clube de Pernambuco, até hoje no ar e que chegou a ser propriedade de Assis Chateaubriand, a exemplo da Super Rádio Tupi, de Recife, quatro anos antes já havia realizado suas primeiras transmissões radiofônicas. O idealizador da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro foi Edgard Roquete Pinto, considerado o "pai do rádio brasileiro". Mesmo não sendo exatamente o pioneiro, considerando a Rádio Clube de Pernambuco como a primeira rádio do país, Roquete Pinto tem assegurada sua prestigiada importância histórica em prol da comunicação e da educação no rádio.

Na década de 1920 o rádio funcionava sem fins comerciais. Não havia ainda a chamada publicidade no rádio, que só viria em 1927 e ganharia fôlego nos anos 1930. Antes disso, havia as chamadas "rádios clubes" ou "rádios sociedades", ou seja, rádios com programação elitista e raio de irradiação limitado, organizadas por pessoas da alta burguesia, que além de sustentarem as emissoras, de forma associativa, forneciam suas coleções de discos, geralmente de música clássica.

É preciso ressaltar que o sistema de gravação elétrica, introduzido no Brasil no final dos anos 1920, contribuiu para uma melhor fidelidade sonora nas reproduções, o que trouxe o interesse em melhorar a qualidade dos arranjos e das orquestrações. Isso acabou por trazer para o rádio e para as gravadoras, músicos de boa qualidade e de boa formação. Esse fato foi fundamental para alavancar a Bossa Nova alguns anos depois, pois diversos de seus músicos e compositores nasceram neste ambiente, de arranjadores nas rádios e nas gravadoras, como Tom Jobim, Newton Mendonça, entre outros. Foi nesse contexto também que se compreendeu o advento do jeito de cantar mais baixo, como Mário Reis, por exemplo, que cantava em volume menor, uma vez que as tecnologias de que se dispunha à época favoreciam a captação do som. Nesse sentido é que se pode compreender a possibilidade do aparecimento do estilo de cantar de João Gilberto, mais tarde. Considera-se, portanto, os meios de comunicação como fatores influentes na composição deste gênero e no seu sucesso; assim como se analisa os fatores sociais, políticos e econômicos é preciso acompanhar a história da tecnologia para compreender os rumos da música.

Em 1936 surgiu a Rádio Nacional no Rio de Janeiro. Ela se tornaria um marco na história do rádio, com seus programas de auditório, suas comédias e suas radionovelas. Já em

1938 passa a existir a Rádio Globo do Rio de Janeiro, que décadas depois seria a rádio AM mais popular do país. Nessa mesma época, o Estado Novo, instaurado no ano anterior, começava a esboçar uma estratégia de cativação populista da população, e a música brasileira dominante no período, como as marchinhas de carnaval, foram estimuladas no ufanismo do governo de Getúlio Vargas entre o final dos anos 1930 e começo dos anos 1940.

Ainda em 1938, foi realizada a primeira transmissão esportiva em rede nacional de rádio, durante a Copa de 1938, na Rádio Clube do Brasil. Na década de 1940 a música brasileira não se limitou às marchinhas, que tiveram seus ídolos indiscutíveis. Mesmo a música regional foi bastante difundida pelo rádio, destacaram-se programas como os de Ary Barroso, que tocava gaita quando narrava os gols e se tornou célebre autor de inúmeras canções como "Canta, Brasil" e "Aquarela do Brasil" e o de Luiz Gonzaga, célebre cantor e compositor de baião, autor de clássicos como "Asa Branca", que fazia programas de música regional.

Os anos 1940 e 1950 são considerados a época de ouro do rádio. Marta Avancini, em seu trabalho sobre os cantores do rádio, enfatiza o processo de popularização destes, chegando aos anos 50 como um dos focos principais de atenção do público radiofônico. Os auditórios dos programas de rádio ficavam lotados por pessoas que queriam encontrar seus artistas preferidos. Juntamente com os fãs-clubes organizados por estes, eram eixos de sustentação e promoção dos artistas. Em 1941, surgiu o Repórter Esso, patrocinado pela famosa companhia norte-americana de combustíveis, que lhe emprestava o nome. As notícias eram redigidas pela United Press International, e traduzidas para o português pela equipe do informativo. Era o principal veículo de informação sobre os fatos internacionais, sobretudo a Segunda Guerra Mundial e a Guerra do Vietnam.

Mas foi também durante a década de 50 que surgiu a televisão e o rádio foi obrigado a se transformar. Já se falava na ameaça de extinção do veículo rádio, o que não ocorreu. Aos poucos o formato dos programas de auditório e das radionovelas migrou do rádio para a TV, surgindo as primeiras transmissões de radiojornalismo e as transmissões esportivas, que apareceram nos anos 1930, multiplicando-se e ganhando mais popularidade. Na década de 1960 o rádio AM assumiu as características atuais. No lugar dos programas de auditório, apareceram programas de variedades comandados por locutores de boa voz e excelente estilo comunicativo. Durante a época do golpe militar de 1964, que derrubou o presidente João Goulart, diversas rádios do país tentaram conclamar o povo brasileiro a se manifestar contra o

regime. Com a ditadura militar, planejando um grande esquema de censura e manipulação ideológica, o rádio AM foi incluído entre as instituições e pessoas físicas consideradas "subversivas". O rádio AM, que era tido como "subversivo" em 1969, nos anos posteriores a 1974, quando a ditadura se afrouxou, por meio do governo Ernesto Geisel, passou a ser considerado como o rádio de "brega". Apesar disso, sua popularidade e credibilidade continuavam intactas e a juventude ainda ouvia as emissoras AM. O rádio FM ganhou força na segunda metade dos anos 1970 Anos 1980. Na primeira metade dos anos 1980 o rádio AM continuou com popularidade similar a dos anos 1970, mas o rádio FM avançou em popularidade crescente, sobretudo entre os jovens.

No século XXI, aparece a possibilidade de uma nova tecnologia. Ao contrário do que pensam os poderosos, não é a tecnologia contra o rádio AM, mas a favor dele. É a tecnologia digital, que dará um som mais potente à Amplitude Modulada. Chiados serão eliminados e o som será tão bom quanto o FM. É prevista uma revolução radiofônica que pode reverter a migração anterior da programação AM para as FMs, causando o processo inverso, e pode até atrair interesse de quem se recusava radicalmente a investir no rádio AM.

O RÁDIO E O PROJETO EXPERIMENTAL NO TOM DA BOSSA

Procuramos usar em nossos especiais todas as formas possíveis em rádio, como poesias, músicas, narrativas, sons. Buscando o que foi descrito por Magaly Prado (2006) em “Produção de rádio”, combinar o fantástico e a realidade, na tentativa de informar, estimular, entreter e inspirar o ouvinte. Utilizamos para isso, grandes nomes da Bossa Nova no Brasil, críticos musicais, jornalistas, músicos, entre outros. Também intercalamos entrevistas, músicas e narrativas sobre a história da Bossa nova. Por que ainda segundo Magaly Prado (2006), “mesmo quando todo o material da fonte é autêntico e factualmente correto, a força do especial reside mais no impacto exercido na imaginação do que na veracidade intelectual.”

Das características do rádio citadas por Gisela Ostriwano (1985) em *A Informação no rádio*, o que se percebe com grande clareza em nossos programas é a sensorialidade o rádio envolve o ouvinte e desperta a imaginação por meio da emoção das palavras e dos recursos de auditivos. O intuito é envolver o ouvinte no “mundo Bossa Nova”, que o ouvinte possa conhecer o movimento de uma forma leve, por meio das músicas, mas de uma forma verídica e informativa, por meio das pesquisas que resultaram nos textos, além das entrevistas.

Ainda segundo Gisela Ostriwano (1985), o rádio envolve o ouvinte, fazendo-o participar por intermédio da criação de um diálogo mental com o emissor, no qual os sentidos se fazem presentes. O ouvinte visualiza fatos, acontecimentos, performances artísticas por intermédio dos estímulos sonoros que recebe da entonação vocal, da tonalidade, do ritmo da mensagem. A imaginação é despertada pela emoção das palavras e dos recursos de sonoplastia, permitindo que o receptor dê asas às suas expectativas individuais, à sua imaginação. Nesse sentido, o rádio acaba sendo visto como um amigo, ou o substituto de um amigo ausente. Por intermédio do diálogo mental, os apresentadores, cantores tornam-se íntimos do ouvinte. É a característica do intimismo: o rádio fala com muita gente ao mesmo tempo, como se falasse com cada um em particular.

CONCLUSÃO

Produzir o especial *No Tom da Bossa* foi extremamente satisfatório. Percebemos que, bem mais que mera produção de um trabalho de conclusão de curso, o programa era uma forma de nos aproximarmos de uma realidade com a qual pouco convivemos: a música. Até então, música significava para nós apenas uma forma de descontração, uma possibilidade de divertimento. *No Tom Da Bossa* permitiu que entrássemos mais neste universo rico, conhecêssemos, por meio dos relatos de críticos musicais, a elaboração pela qual passa uma canção, seus detalhes, a complexidade que estrutura letra e ritmo. Pudemos entender, especificamente, a Bossa. Estilo criado em uma época distante da que vivemos, mas apreciado por nós. Mais do que entender a elaboração das canções, entendemos como o contexto cultural e histórico de um país está diretamente relacionado com a arte que ele produz.

A arte, por sua vez, interfere no comportamento da população, gera tendências, inova, agrega, produz valor. Fazer o especial nos permitiu refletir sobre isso, enriqueceu nossa formação acadêmica. O objetivo principal no trabalho era deixar um registro radiofônico sobre a história e os marcos da Bossa Nova no Brasil e no mundo. Mas, concluído o projeto, nos vimos diante de uma nova perspectiva. Nos vimos encantados com a Bossa e, também, com o rádio e suas possibilidades. De emocionar, de envolver, de registrar, de transportar o ouvinte para um universo talvez distante do dele. Ao ouvirmos nossos programas, percebemos que imagens eram criadas através do som. A meta era contribuir para divulgação da Bossa Nova de maneira mais aprofundada e fazer com que o ouvinte entenda os contextos em que ela foi criada, relacionando a história do Brasil em demais âmbitos (histórico, social, cultural) com a música. Nos vimos agraciados também. A Bossa Nova se revelou mais rica do que imaginávamos, aprimoramos nossas técnicas de produção radiofônica e o nosso conhecimento teórico sobre o rádio. Benefícios os quais, sem o *No Tom da Bossa*, não teríamos acesso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AVANCINI, Maria Marta. **Nas tramas da fama: as estrelas do rádio em sua época Áurea (Brasil, anos 40 e 50)**. Campinas, 1996. Dissertação (Mestrado em História). IFCH- UNICAMP.

CAMPOS, Augusto de. **Balanço da Bossa e outras bossas: antologia crítica da Moderna música popular brasileira**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1993.

CASTRO, Ruy. **Rio Bossa Nova**. Casa da Palavra. São Paulo, 2006.

HOMEM DE MELO, Zuza. **Eis aqui os Bossa – WMF Martins Fontes**, São Paulo.

MARTIN-BARBERO, Jesús. **Arte, comunicação e tecnicidade no final do século**. Margem- Tecnologia e Cultura. São Paulo: Educ/FAPESP, n.8, 1999.

MEDITSCH, Eduardo. **O Rádio na Era da Informação: Teoria e Técnica do Novo Radiojornalismo**. Minerva, Coimbra, 1999 e UFSC, Ed. Insular, Florianópolis, 2001.

MEDITSCH, Eduardo. **Rádio e Pânico. A Guerra dos Mundos 60 anos Depois**. Insular, Florianópolis, 1998.

OSTRIWANO, Gisela. **Rádio: interatividade entre rosas e espinhos**. Texto disponível na Biblioteca on-line de Ciências da Comunicação, Univ. Beira Interior, Portugal.

_____. **O rádio no Brasil**. In: **A informação no rádio: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos**. Gisela S.Ortriwano. São Paulo: Summus, 1985.

PRADO, Magaly. **Produção de rádio: um manual prático para professores, alunos e profissionais**. São Paulo: Ed. Campus, 2006.